JOÃO RAMALHO

Discurso pronunciado pelo vereador Vicente de Azevedo na Camara Municipal de S. Paulo

Na sessão realisada sabbado ultimo pela Camara Municipal de São Paulo, o vereador sr. A. Vicente de Azevedo pronunciou o seguinte discurso:

O sr. A. Vicente de Azevedo — (Em explicação pessoal) — Sr. presidente, na ultima sessão desta Camara, o certo topico do illustre collega do meu nobre collega José Cyrillo — a cujo talento e rara erudição rendo neste momento as minhas homenagens — tive occasião de dirigir aparte, do qual, agora, em ajo frazer de publico, nesta tribuna, a significação e o espirito que nelle ditei.

Quiz com minhas palavras, na qualidade de paulista e de representante do povo paulistano, bater os recentes escriptos do prosector integralista sr. Gustavo Barroso, revidar as injurias e calumnias soezes, que aquelle homem de letras vem assacando sobre a nossa terra e a nossa gente.

Seria necessario esmiuçar caso por caso, pessoa por pessoa, aquelles que foram alvo dos ataques feitos de focais, pois os tem feito muitas das vezes atrás da mascara de historiador. Convencido assim de sua impunidade, se embloca debaixo de um fanatismo sem freios, que repugna á nossa indole e á nosso cultura de povo livre e brioso.

Não se contenta o sr. Barroso de atassalhar a reputação e a honra de homens honestos e trabalhadores, e que portanto têm prospecido neste planalto de Piratininga, abençoado rincão da terra de Santa Cruz.

Sob o pretexto de estudar aspectos ineditos da historia do Brasil, e fim collimado por aquelle membro da Academia é remexer cordias entre os filhos dos varios Estados do Brasil, fomentando e lançando a sizania entre os filhos do grande povo brasileiro, com a divulgação de publicações attentatorias de nossa dignidade.

*

O modo de fazer campanha integralista empregado pelo sr. Gustavo Barroso ao juizo de quem seja dotado bom senso, consiste em desservirço á causa do credo verde.

Se de um lado este movimento, em suas linhas mestras, quer ser de honesto idealismo, no anseio de construir um novo Brasil, guiado pelos principios de "Deus, Patria e Familia", se na ideologia e na doctrina o movimento apresenta bases indiscutivelmente moraes, por outro lado a maneira de desenvolver a sua doctrina e adeptos, a nosso ver, é desastrosa, pelos methodos empregados. Não se diga nunca que os fins justificam os meios.

*

O academico Gustavo Barroso era antiteamente apenas literato, porém de algum tempo a esta parte tem escripto livros, em que, ao lado de se manifesta decadente de sua obra, como escriptor, arrendou em odiador, se perde em affirmações tendenciosas ou levianas. Estes deslizes verificam-se muitas vezes, depois que se poz a serviço do credo politico exaltado e de methodos exoticos.

O sr. Barroso, que deixa a mitos de transparecer sentimentos de odio, invoca em documento feito quanto seja de São Paulo, escreveu um novo livro, intitulado "Paulo", qual adjectivou de "Secreta", naturalmente com o fito de dar-lhe aspecto attractivo publico, provavelmente qualificativo de um departamento, só para homens, no monumento de Pompeia.

A ansia de menoscabar S. Paulo e os paulistas conceca pela maneira por que se refere ao patriarcha da fundação da villa planaltina — João Ramalho.

No recinto desta Casa, scenario que foi de actos importantes da sua vida, se impõe como ineditalhe tação solemne desse personagem, de quem só temos razões de orgulho, e que, não só pela ascendencia colracem e energia moral, como tambem pela sua alliança com a nobre raça indigena, constitue o maior alicerce sobre o qual se erguem uma raça — a dos paulistas — de quatrocentos annos.

Por isso, sr. presidente, este é o logar para uma "nota" sobre o nome deste assumpto.

O predicado fundamental de um historiador não é o talento literario, porém, simplesmente, a "honestidade". Por isso, é, sem duvida, nero mais difficil centro os diversos da arte de escrever. Está comprehendida na honestidade a honestidade de animo sufficiente para julgar dos factos e das pessoas, objectivamente sempre, sem turvar deixar transparecer qualquer tendencia pessoalmente ou de grupo individual. Diz o Alexandre Herculano: "O mister de recordar o passado é uma sorte de ministerio sacerdotal moral, é uma especie de sacerdocio".

Os estudos historicos só podem ser baseados no testemunho humano, e soffrem, por conseguinte, todas as injurias de sua fallaz natureza. Historiador honesto é aquelle que sabe selecionar as fontes de informação, o que não se apressa em publicar obras feitas sobre o joelho, contendo informações levianas e juizos temerarios. O historiador honesto quando não tem certeza de algum facto, põe reservas, emite hypotheses, com abundancia de argumentos certas preferencias. Mas não affirma nunca se não o que tem por provado com documentos idoneos de mais de uma origem.

Conta-se que o grande Bacon, tendo já composta uma Historia da Inglaterra, destruiu-a, por ter tido opportunidade de verificar o quanto é falho o raciocinio humano.

Achava-se prisioneiro na torre de Londres, quando ocorreu qualquer incidente na prisão. Aberto o inquerito, testemunha dos depoimentos das varias testemunhas foi tão escandalosa que o historiador resolveu inutilisar todo o seu estudo, pois os factos do presente eram passiveis de duvida, o que se não dizia em relação aos do passado?

Vem de longa data os estudos sobre os judeus e a sua influencia sobre a civilisação. Em varios paizes da Europa, e tambem em Portugal, de algumas dezenas de annos a esta parte, alguns estudiosos andam a descobrir correlações entre os factos historicos e a influencia judaica ou maçonica. Outros pesquisam caracteres raciaes, somaticos e psychicos. Do outro lado do Oceano, em nações mais civilisadas, o rigor scientifico dos estudos é incontestavel. O movimento Ragista allemão não é levado a esmo, sem bases ethnologicas. Se, sob certos aspectos, é condemnavel, sobretudo para nosso espirito liberal — caracteristico bem brasileiro — por outros, é comprehensivel, devido as condições peculiares á Allemanha. O facto é que já se estudam a fundo todos os problemas, e não somente nestes ultimos annos de regime totalitario.

O processo do "Judenspiegel" em 1883 é caracteristico. Quando, em 1883 foi publicada em Paderborn a brochura da autoria do dr. Justus, com aquelle titulo, cuja traducção é "O espelho dos Judeus", foi reproduzida no jornal "Westfalische Merkur". O redactor J. Hoffmann foi chamado á responsabilidade por incitar odio entre raças e credos differentes. Tratou-se de verificar da exactidão dos textos citados, da reconstituição da traducção do hebraico e das fontes de origem, de vez que o "Espelho dos Judeus" nada mais era que a collectanea de 100 textos de lei hebraica, regulando as relações entre os judeus e os christãos, e contendo preceitos contra adoradores deshumanos, daquelles costumes estes.

Dois foram os peritos nomeados: o professor do Seminario Israelita Abrahm Theu e o dr. Hoffmann Keller. Este doente de Philologia semitica da Real Academia de Munster. No longo pericial do Keller, reconhecida a fidelidade da traducção, através de minucioso estudo de confronto dos textos em alemão e hebraico, assim como a procedencia dos mesmos, tanto do "Talmud", como do "Schulchan Aruch", e, pelo julgamento, foi absolvido o reo.

O facto revela que na Allemanha os estudos historicos são feitos com prudencia e lealdade, pois, em caso contrario, o autor corre o risco de ser processado.

Infelizmente, para cá do Atlantico, o mesmo não se verifica, não havendo mesmo a noção de responsabilidade das affirmações. E' o caso do sr. Gustavo Barroso. Adiante offerecemos exemplo característico de sua leviandade como historiador, que não tambem não

O ERRO SOBRE JOÃO RAMALHO

O papel de João Ramalho na colonisação da capitania de S. Vicente, foi preponderante, motivado pelo qual sua personalidade tem sido objecto de paciente e innumeras investigações.

A data de sua chegada ao Brasil, e de sua morte, é possibilitado de ser elle o bacharel de Cananeia; o seu grau de instrucção; sua ligação com os indios, e suas luttas com os jesuitas; o porque não acceitou o cargo de vereador, são theses debatidas e estudadas com cuidado, ficando algumas das conclusões ainda em aberto, á espera de novas luzes e novos subsidios documentaes.

Ora, para o autor da "Historia Secreta do Brasil", o que mais interessa em toda a obra é exhibir, sob um aspecto, o mais desfavoravel possivel, "sel disant", demonstrar o que lhe vae no subconsciente, ou seja, mostrar o odio entre os centos S. Paulo, e procurar raizes judaicas, ou maçonicas, na gente e nos acontecimentos de nossos antepassados.

A erudição historica do sr. Gustavo Barroso está muito aquem do seu talento literario e romanesco, sobretudo quando se occupa, aqui, com grave prejuizo para a verdade.

Para o sr. Barroso bastou citar o artigo do sr. Isaque Izeckson sobre a "Contribuição judaica na formação da nacionalidade brasileira" do "Almanaque Israelita", para admittir e affirmar entre outras coisas que João Ramalho fosse judeu. Assim, á pag. 48, referindo-se á luta entre jesuitas e outros colonisadores, avança sem rebuços:

"Começou em Piratininga com o judeu colonisador João Ramalho e terminou, infelizmente, com a victoria dos escravisadores" (de indios).

Mais adiante, como se não tenha ido beber as informações atraves de nome do sr. Izeckson, como suspeita, despreza toda a documentação original sobre o assumpto, e os estudos sobre a vida feitos por historiadores conscienciosos e esclarecidos.

Não ha documento para tal attitude, pois no proprio trecho citado á pagina 35, ha menção de um trabalho de Capistrano de Abreu, João Ramalho era apresentado como uma alma de aventureiro, mais analyse ou cautela, o sr. Barroso deixou de ir ás origens, e sem a possibilidade que dellas se lhe offerecia, mostrou ignorar, entre outras, a documentação exhibida em 1934 pelo dr. Sergio Buarque de Leite.

Bastaria, porém, uma consulta á Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, em seu volume VII, de 1902. Uma commissão de membros do Instituto, constituida composta dos drs. Antonio de Toledo Piza, João Mendes de Almeida Junior (Nestor), Alfredo Maria Guimarães e Theodoro Sampaio que procedeu a uma visita nos terros de acaso, em Santo André da Santo André da Borda do Campo e de Santo André, em dia 22 de Abril de 1902. (Revista, I. Historico, pag. 259, vol. VII). Impressas, as actas, contendo, alem, arriguar particularidades sobre João Ramalho.

A commissão lavra a seguir o seu parecer, de cujas conclusões citamos o item "c" — "Conclusões e hypothese de que elle fosse judeu".

Não houve unanimidade de criminées jesuitas, não obstante, depois o dr. Manuel Pereira Guimarães deu eloquente voto em separado:

"Se Ramalho fosse judeu, o nadre Simão, tão rigoroso na apreciação dos actos, não deixaria em silencio um facto tão importante, e sem a mancha infamante, teria que vivesse livremente e impunido um homem que se recusava a trazer um papel e a cruz de santissima cruz, heresia ou judaismo punido com pena gravissima.

"P. Ro-Ro-Ro fosse judeu o mesmo Martim Affonso, que vimos entoido num acto de subido rigor, não o tomaria guardador do campo.

"S. Ramalho fosse judeu, os povos de Piratininga, onde imperavam trez padres da Companhia, não lhe teriam dado, como lhe deram, menos ihe deriam o commando de christãos em 1562.

"Julgamos ser muito arcavel acreditar que João Ramalho, primeiro personagem da capitania, não fosse, por commodidade um signal particular para assignar as actas da Camara, e, por conseguinte, as cartas, personagens, papas, reis, bispos, conegos, do notarios, dos escrivães, etc., etc."

No mesmo volume daquella Revista existem outros trabalhos curiosos sobre João Ramalho, do patriarcha vicentino. Diz Theodoro Sampaio á pag. 235: "A hypothese aventada pelo sr. João Mendes Junior não é imperitinente. Ella ahi fica desafiando a investigação dos estudiosos".

Dentre estes, o sr. Horacio Carvalho, o inventor da Kaf, estudioso theosophista, estudioso de assumptos esotericos e da "Kabala", analysa o signal em forma de ferradura existente na assignatura de João Ramalho, e collocado entre os dois nomes, em logar da cruz com que naquella época os analphabetos o mesmo alguns letrados omettiam as respectivas firmas. Este autor assimila a ferradura ou C ás avemas á letra hebraica Kaf, dando-lhe multiplas interpretações, com abundancia de argumentos extrahidos, todos de tratados estrangeiros de sciencia occulta, como a seguinte: "... é a cruz tetragrammatica S ... o symbolo "ineffavel" da sciencia secreta, do ensinamento e do poder dos iniciados; é a "cruz cabalistica" dessa sciencia, o talismã que facilita o "dominio" e que marca o caminho da riqueza". Não é preciso tecer commentarios...

*

Porém, ha uma interpretação dada ao signal em ferradura aberta para a esquerda offerecida por outro estudioso, que, no mesmo volume da Revista, procura refutar o illustre Horacio Carvalho, que, no mesmo volume da Revista, procura refutar o fundador de Santo André". "João Ramalho, sua fé e nobreza", de J. C. Gomes Ribeiro, que assimila o pseudo Kaf a uma sigla então usada por alguns nobres em suas assignaturas e que seria "um signal ou chancella de fidalgo, á guisa de elmo de cavalleiro".

João Ramalho, porém, tambem usava cruz em sua assignatura, e a prova está na Acta desta Camara de 9 de Marco de 1563 (Vol I das Actas, pag. 25), e na de 24 de Junho de 1562 (id. pag. 14).

Curioso é assignalar que na assignatura de Camões existente em autographo da Bibliotheca Nacional, tambem se encontra o indicado signal, em forma de C invertido, e nunca ninguem chamou o grande vate de judeu!

Ora, por um jamegão de mais de quatrocentos annos não se vae affirmar que quem o usasse fosse isto ou aquillo!

Os actos de catholicidade praticados por João Ramalho eram frequentes. Jurava sobre os evangelhos aqui nesta Camara, "Aynara todos los dias que la Iglesia Manda" (como diz o Irmão Jesuita Antonio de Ale), e recebeu os sacramentos por occasião de um accidente grave que soffrera, dose annos antes do seu falecimento.

Mas, o que é mais grave, é que o historiador J. C. Barroso ignora (no caso de escrever de boa fé), ou finge ignorar todos estes factos, e atacado de furiosas intolerances e recentes do jesuita Serapihim Leite.

AS PESQUISAS DO PADRE SERAPHIM LEITE

Luzes novas e positivas então vieram esclarecer definitivamente as duvidosas trevas sobre o patriarcha vicentino.

Autor de um trabalho premiado com honrosa menção do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, o padre Serapihim Leite estudou carinhosamente o papel do "Os Jesuitas na vida de João Ramalho".

Desde Junho de 1934 já este esclarecido sacerdote divulgara em nosso meio, por intermedio do Instituto Historico de S. Paulo alguns documentos ineditos sobre os primeiros tempos da vida de nosso clero, encontrados nas suas pesquisas nos archivos da Companhia. Dentre os documentos mais importantes merece menção uma carta do padre Manuel da Nobrega, em 1553, da qual extrahimos os seguintes trechos:

"Neste campo está um João Ramalho, o mais antigo homem que está nesta terra. Tem muitos filhos e mui apaixonados em todo este sertão. E o mais velho delles levo agora commigo ao sertão por mais autorisar o nosso ministerio João Ramalho é muito conhecido e venerado entre os gentios e tem filhas casadas com os principaes homens desta Capitania e todos estes filhos e filhas são de uma india, filha dos maiores e mais principaes desta terra.

"De maneira que nelle e nella e em seus filhos esperamos ter grande meio para a conversão destas gentes.

"Este homem para mais ajuda é parente do padre Paiva e cá se conhecem. Quando veiu da terra que haverá 40 annos e mais, deixou a sua mulher lá, viva, e nunca soube della, mas que ella parece que deve ser morta, pois já vão tantos annos. Desejaria muito casar com a mãe destes seus filhos. Já para lá se escreveu e nunca veiu resposta deste seu negocio".

E mais adiante:

"O que nos temos para os gentios se deveria tambem ter e haver para os christãos destas partes, ao menos até que do Papa saia outra geral indulto. Se o Nuncio tiver poder bajam delle dispensa particular para este mesmo João Ramalho poder casar com esta india, não obstante que houvesse conhecido outra sua irman e quisessem ser tres parentes della. E assim para outros dois ou tres mestiços, que querem casar com indias de que tem filhos, não obstante qualquer affinidade que entre elles haja.

"Nisto se fará grande serviço a Nosso Senhor.

"E se isto custar alguma coisa elle o enviará de cá em assucrai. Isto é muito critiveo que ho empreste, porquanto ha muitas necessidades e com grande desejo de ver tantas almas remediadas".

A proposito deste documento, commenta o erudito e esclarecido paulista J. F. de Almeida Prado, em seu utilissimo e fartamente documentado livro "Primeiros povoadores do Brasil" (1935):

"João Ramalho era parente do Jesuita Manuel de Paiva, que tivera de provar a pureza do sangue antes de ser admittido no noviciado. Como consciencia catholica do velho povoador, christão extremado, pela carta do Nobrega, documento de alta valia, com a India Isabel. Intrepido com as armas, o capitão alcalde-mór era temperado de autoridade respeitosa, que a todos recommendavam Fosse obedecido. Nas suas lutas contra o gentio (os indios eram o espantalho de judeus paulistas, especialmente, dos Bandeirantes quillos), mostrava a legitima temperamento dos soldados portugueses do Quinhentos".

Existiu realmente, o principio, uma certa incompatibilidade entre João Ramalho e os jesuitas. Ella não se as causas apontadas, mas parece que, tendo situado como constante, e o que é certo é que se manifestava antes ás pessoas de Companhia, que, ao contrario dos Jesus do que a todos, e jamais foi uma consequencia da irreligiosidade.

A vida de mancebia de J. Ramalho, que o indio motivou a sua excommunhão, tendo-lhe nada a entrada aos templos, do que resultou um odio profundo com o padre Leonardo Nunes. "A Chronica" do padre Simão de Vasconcellos, que, não obstante, é uma obra de Diogo Jacomo diffundirão o odio entre os jesuitas e o povoador e os jesuitas. Em commento, diz Seraphim Leite, a proposito da lenda deve ter nascido em São Paulo foi vingança dos jesuitas contra João Ramalho. A origem da lenda deve ter nascido de um dos exageros de Vasconcellos contra o Ramalho e o por outro de frei Gaspar escrever que "depois de contendendo alguns annos por ordem do seu superior, se padres a caniar victoria".

Estas contendas indusiram no erro de um antigo "Dos Pinto da capital", de que João Ramalho e os jesuitas viveram pelejado como rivaes e inimigos. Não é verdade, porém, pois João Ramalho a 24 de Junho de 1562 jurava aos Santos Evangelhos o cargo de capitão-mór de São Paulo de Piratininga. Ora, a Chronica, publicada, diz Seraphim (vol. I, pag. 14) consta: ... "como pr. bonos e aleisio sato pr. capitão p. a sera. ... p. a sera. ... p. a sera. ...